



ISSN: 2176-5960

# Προμηθεύς

## Journal of Philosophy



n. 47 Janeiro- Abril de 2025

### LE BON E MUSSOLINI: PROPAGANDA FASCISTA E RELIGIÃO<sup>1</sup>

**Antonio José Pereira Filho**  
**Departamento de Filosofia (UFS)**

**RESUMO:** Pretende-se indicar, neste artigo, em que sentido o fascismo pode ser visto como uma forma de “religião” e qual a função da propaganda no âmbito deste movimento e de extremismos que podem ser a ele relacionados. Entendo a expressão “religião” no sentido em que a emprega Gustave Le Bon (1841-1931), autor que, ao relacionar política e comportamento de massa, inspirou decisivamente o ditador Benito Mussolini, sobretudo no que diz respeito ao padrão de propaganda do movimento. Neste sentido, trata-se de mostrar como religião e propaganda formam o núcleo em torno do qual gravitam muitas das teses e táticas dos agitadores fascistas. Para embasar o argumento a esse respeito, utilizo duas fontes principais: 1) a obra *Psicologia das multidões*, publicada em 1895, por Gustave Le Bon e 2) o texto base de *A doutrina do fascismo*, ensaio escrito por Benito Mussolini e pelo filósofo Giovanni Gentile e publicado, em 1932, na *Enciclopédia Italiana*. Porém, antes de apresentar o argumento central, farei uma espécie de limpeza de terreno, esclarecendo o sentido do termo “fascismo” aqui empregado. Além disso, apresento inicialmente aspectos da abordagem de Theodor Adorno e Sigmund Freud acerca da psicologia das massas, na medida em que os autores são fundamentais para compreender o alcance e os limites das ideias apresentadas por Le Bon a respeito das massas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *propaganda; fascismo; religião; Le Bon; Mussolini; Freud; Adorno*

**ABSTRACT:** This article aims to indicate in what sense fascism can be seen as a form of "religion" and what role propaganda plays within this movement and related extremisms. I understand the term "religion" in the sense employed by Gustave Le Bon (1841-1931), an author who, by relating politics and mass behavior, decisively inspired Benito Mussolini, especially regarding the propaganda model of the movement he founded. In this sense, the objective is to show how religion and propaganda constitute the core around which many of the theses and tactics of fascist supporters revolve. To support this argument, the article relies on two main sources: The Psychology of Crowds, published in 1895 by Gustave Le Bon, which explores collective behavior and its susceptibility to charismatic leaders. The Doctrine of Fascism, an essay written by Benito Mussolini and philosopher Giovanni Gentile, published in 1932 in the Italian Encyclopedia. However, before presenting the central argument of this study, I will conduct a sort of conceptual groundwork, clarifying the meaning of the term "fascism" as used here. Additionally, I initially introduce aspects of the approaches of Theodor Adorno and Sigmund Freud regarding mass psychology, as these authors are fundamental to understanding the scope and limitations of Le Bon's ideas about crowds.

**KEY-WORDS:** *propaganda; fascism; religion ; Le Bon, Mussolini, Freud, Adorno*

---

<sup>1</sup> \*Parte desta pesquisa foi realizada durante estágio de licença capacitação junto ao Grupo de Estudos Espinosanos da USP

Os anos que precederam a marcha sobre Roma abarcam um período durante o qual a necessidade de ação coibia demoras e elaborações doutrinárias minuciosas. A luta prosseguia nas cidades e aldeias. Havia discussões, mas havia algo mais importante: a morte... os fascistas sabiam morrer.

Mussolini. *A doutrina do Fascismo*

## **Fascismos**

Antes de passar diretamente ao assunto principal deste artigo creio ser necessário esclarecer algumas noções e posições teóricas acerca de um tema complexo (o fascismo), tema que vem gerando controvérsias entre filósofos, historiadores, sociólogos e psicólogos sociais. Após os horrores dos regimes fascistas, acreditava-se que essa experiência histórica jamais se repetiria. Afinal, argumenta-se, a onda dos atuais movimentos de extrema direita que giram em torno de figuras como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Javier Milei, dentre outros, não pode ser confundida com os movimentos extremistas do passado. Argumenta-se, em geral, que as condições históricas são outras e qualquer comparação levaria a uma visão hipostasiada e a traçar falsas analogias entre o ontem e o hoje. As diferenças são claras e o argumento para se recusar o uso do termo “fascismo” para nomear o conservadorismo, o autoritarismo e o extremismo dos nossos dias, são pertinentes.

Marilena Chauí, por exemplo, reconhece que há semelhanças inegáveis entre aquilo que nos cerca e ameaça atualmente e o fascismo histórico de Hitler e Mussolini. Segundo a filósofa, hoje encontramos muitos elementos próprios do fascismo, tais como: “o discurso de ódio ao outro – racismo, homofobia, misoginia; o uso das tecnologias de informação que levam a níveis impensáveis as práticas de vigilância, controle e censura; e o cinismo ou a recusa da distinção entre verdade e mentira como forma canônica da arte de governar” (CHAUÍ, 2019). Contudo, para a filósofa, as diferenças são claras: não estão presentes nos mesmos moldes o militarismo e a ideia fascista do povo armado; o nacionalismo extremado contrasta com a globalização que enfraquece a ideia do Estado-nação como enclave territorial do capital; o imperialismo colonialista dos regimes fascistas também contrasta com as formas de colonização do neoliberalismo, que não ocupa simplesmente territórios, mas impõe sobre eles outras formas de exploração igualmente devastadoras (IDEM, IBIDEM). Por isso, Chauí opta pelo uso do termo “novo totalitarismo” para pensar o que ocorre no mundo contemporâneo, regido pela sistema neoliberal, que ocupa todas as esferas da vida social, convertendo o sujeito em empreendedor de si mesmo, além de dissolver o Estado e suas instituições, transformando direitos em serviços, o que leva,

evidentemente, à exclusão dos que não podem pagar por eles. Nesse sentido, conclui Chauí, o neoliberalismo é um novo totalitarismo (IDEM, IBIDEM).

Não é nosso intuito, porém, aventurar-se em uma resposta simplista aos problemas que acompanham esta ou aquela abordagem do assunto e que foram postos em um debate recente na Universidade de São Paulo, a saber: no colóquio *Nomear o problema: fascismo, conservadorismo, extrema-direita, autoritarismo* (FFLCH-USP, 2025). Em relação às falas deste importante evento, vale ao menos recordar que Vladimir Safatle, em contraste com a abordagem de Chauí, defenderá “a tese de que os novos autoritarismos que nós estamos a ver são versões de um *fascismo global* que aparece como resposta popular a um horizonte de crises estruturais do capitalismo” (SAFATLE, 2025. *Grifo meu*). Safatle não vê razões para se recusar o uso do termo e nos mostra que a palavra “fascismo” sempre foi empregada pelas diversas esquerdas, de Angela Davis a Félix Guattari, para indicar uma “tendência estrutural que nunca sumiu completamente do nosso horizonte” (IDEM, IBIDEM). Sua fala suscita reflexões inquietantes. Mas, se de fato é preciso nomear o problema, não podemos deixar de mencionar, por outro lado, a perspectiva de historiadores, como o italiano Emilio Gentile, que acredita não ser mais possível um retorno dos regimes políticos fascistas nos moldes do assim chamado “fascismo de Estado”. Segundo Gentile, “não se pode fazer uma analogia entre aquele fenômeno e outro. O fascismo não se reproduz mais, é preciso cuidado com o uso da palavra, pois acaba provocando desinformação(...). Um racista não é sempre um fascista. O governo de Erdogan na Turquia é autoritário, mas não fascista” (GENTILE, 2018).

Por outro lado, lembremos que a posição de Gentile contrasta com aquela que encontramos em pensadores como Umberto Eco, o qual chegou a falar em *Ur-fascismo* ou “fascismo eterno” numa famosa conferência. O uso da expressão “fascismo eterno” pode confundir e talvez não seja uma boa escolha, pois me parece que, inclusive para Eco, o fascismo *funda* algo, institui *o começo* de uma história de poder e perversão. Assim, conforme argumenta o pensador italiano, se o fascismo, no passado, foi fonte de inspiração para os regimes políticos dos anos 1930 na Europa, sua doutrina atravessou gerações e continentes, sendo igualmente uma fonte para o extremismo dos nossos dias. O fascismo, portanto, não foi uma moda passageira; ao contrário, “o jogo fascista pode ser jogado de várias formas e o nome do jogo não muda” (ECO, 1997, p.36).

Conceber o fascismo como um “jogo” ( de linguagem) significa que ele pode assumir significados diversos a depender do contexto. Por outro lado, como “o nome

do jogo não muda”, trata-se de definir suas características comuns, que segundo Eco são as seguintes: o tradicionalismo, o conservadorismo, o conspiracionismo, o irracionalismo, o antiintelectualismo, o antipacifismo, o totalitarismo, o populismo seletivo, o antindivíduo, o culto ao líder, etc. Tais aspectos, no seu todo, nem sempre estão presentes explicitamente em todas as formas de fascismo. Todavia, o importante é perceber que o *Ur-fascismo*, seja desta ou daquela forma, usa seus disfarces: os fascistas atuam de modo sorrateiro, silencioso, pois eles nem sempre andam de uniforme, nem têm o nome “fascista” gravado na testa. Como diz Eco, “seria tão mais fácil para nós se aparecesse novamente no cenário mundial alguém dizendo: ‘Eu quero reabrir Auschwitz, eu quero os Camisas Negras desfilando novamente nas praças italianas’ (ECO, 1997, p. 47).

Na verdade, o fascismo se apresenta hoje sob um cenário no qual seus ideólogos e líderes, ora se escondem no subterrâneo das instituições liberais, no aparato militar, no submundo burocrático, ora se apresentam desavergonhadamente com seus gestos bizarros para gerar engajamento nas trevas do espetáculo público das redes sociais. Os fascistas simulam participar do jogo democrático, mas, se for preciso, não titubeiam em desrespeitar as regras, assumindo explicitamente o golpismo. Trata-se, portanto, não de “um jogo de linguagem”, mas de um jogo de vida ou morte, que demarca os campos distintos do “nós” contra o “eles”. Portanto, acima de tudo, é preciso atentar que o fascismo de hoje se desenrola sob um pano de fundo no qual os donos do poder ditam as regras, como é o caso das *Big Techs*, detentoras do controle da informação e dos meios nos quais ela circula.

É preciso ter clareza: não se trata da disputa acerca de um nome que traduza um fenômeno complexo<sup>2</sup>. Neste trabalho, na tentativa de pensar a coisa, irei optar pelo termo “fascismo” (no plural), não no singular, pois penso que não existe uma única forma ou tipo de radicalismo autoritário. Acredito que é preciso indicar a especificidade do fascismo histórico e, ao mesmo tempo, estar ciente das diferenças, para reconhecer táticas comuns usadas pelos fascistas de ontem e de hoje. É sobre uma dessas táticas que

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, também são muito interessantes as considerações feitas pela filósofa Virgínia Helena Costa no referido colóquio. Na sua intervenção, ela faz análises importantes e propõe uma visão mais arejada e não unilateral com base em Theodor W. Adorno, bem como em uma atualização do ponto de partida da teoria crítica para pensar o mundo contemporâneo.

Ver a respeito: COSTA, V. H. *Gesto ou identificação com o agressor? Hipóteses para nosso autoritarismo recente*. In: *Nomear o problema: fascismo, extrema-direita, conservadorismo, autoritarismo* (FFLCH-USP). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irwDl0TKpd4>

irei me ocupar nesse trabalho. Trata-se, aqui, da noção de *propaganda* e, como logo veremos, fazer certas aproximações entre o passado e o presente, nesse caso, me parece inevitável.

Quanto a isso, Jason Stanley em um livro bastante popular sobre o tema (*Como funciona o fascismo*), nos mostra que o perigo do retorno do “fascismo”, ou melhor, de estratégias de domínio e práticas fascistas, vem ocorrendo em nossos dias, às vezes de forma silenciosa, nos estertores da democracia liberal, às vezes de forma mais sanguinária. Emílio Gentile certamente torce o nariz para o argumento de Stanley, que parece confundir autoritarismo e fascismo, mas o filósofo estadunidense é muito claro quanto ao emprego do termo “fascismo”. Seu interesse está voltado para a “política fascista”, ou melhor, para “as táticas fascistas como um mecanismo para alcançar o poder. A política fascista não conduz ao um Estado explicitamente fascista, mas é perigosa de qualquer maneira” (STANLEY, 2019, p.14). Além disso, se levarmos em conta os trabalhos analíticos e as pesquisas empíricas conduzidas pela primeira geração do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, particularmente aqueles encabeçados por Theodor W. Adorno, veremos que a noção de fascismo não diz respeito apenas a uma forma de governo, como aquela praticada por Hitler ou Mussolini, mas a um tipo de comportamento que permite chegar a uma definição mínima da *personalidade autoritária*, tal como é indicada na famosa tabela F (de fascismo), como vemos nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* (1950).

Por fim, ainda no que se refere à noção de fascismo cabe dizer que, nas redes sociais, pode-se notar um amplo uso dos termos “fascista” ou “fascismo”, que são empregados de forma banal ou distorcida. Não à toa, os seguidores de Olavo de Carvalho, afirmam a existência de um “fascismo de esquerda”, associando a expressão à vaga ideia de “comunismo”, termo que, no caso, não é empregado simplesmente para se referir a regimes totalitários, como o liderado por Stálin. “Comunismo”, para olavistas, diz respeito a toda forma de atuação do Estado no que se refere ao bem comum, ou seja, a tudo aquilo que é de interesse público. Na verdade, a fonte desses facistas são os ideólogos neoliberais. Nas páginas virtuais do *Instituto Mises*, um *think tank* do neoliberalismo, por exemplo, encontramos uma falácia bem curiosa, na qual, de forma achatada, se associa as noções de “socialismo” e “fascismo”. Lew Rockwell, CEO do Instituto e seu fundador, em seu texto *O que realmente é o fascismo?*, afirma o seguinte: “sob o fascismo a divisão entre esquerda e direita se torna amorfa. Um partido de esquerda que defende programas socialistas não tem dificuldades alguma em se

adaptar e adotar *políticas fascistas*” (ROCKWELL, 2016)<sup>3</sup>.

Mas o que vem a ser uma “política fascista”, neste caso? O argumento beira o absurdo. Na visão do *Istituto Mises*, por exemplo, apenas porque defende o protagonismo do Estado na economia para salvar o capitalismo de inevitáveis crises, um economista como Keynes se aproximaria do “socialismo” e, portanto, do “fascismo”, uma vez que, como argumenta Lew Rockwell, “o controle estatal do dinheiro, do crédito, do sistema bancário e dos investimentos *é a base exata de uma política fascista*” (IDEM, IBIDEM).

Ora, não é preciso muito esforço intelectual para perceber a distância que há entre o papel do Estado em Keynes, que era na verdade um típico liberal progressista, e o assim chamado “fascismo histórico”, protagonizado por Mussolini. A falta de rigor destas associações apressadas, sugere, no mínimo, desonestidade intelectual. Na verdade, o buraco é mais embaixo: a tese de Rockwell, que pode ser visto como agitador (fascista?) neoliberal, não passa de propaganda dirigida para um nicho de fanáticos, pois não há compatibilidade possível entre o fascismo histórico e a tradição liberal *clássica*. A esse respeito, basta consultar a obra *A doutrina do fascismo*, livro-panfleto escrito por Mussolini com a colaboração do filósofo idealista Giovanni Gentile, para se ter uma ideia da aversão que o fascismo tinha pelo individualismo democrático burguês. Contudo, se de um lado, Mussolini critica a democracia representativa que, segundo ele, é falsamente igualitária, insistindo, pois, na “desigualdade irremediável fértil e benéfica entre os homens” (MUSSOLINI; GENTILE, 2019, p.27), de outro lado, ele reinterpreta a própria noção de “democracia” e afirma que “se a democracia for entendida como um regime em que as massas não são afastadas para a margem do Estado, então o fascismo pode ser definido, como uma *organizada, centralizada e autoritária democracia*” (MUSSOLINI; GENTILE, 2019, p.27. *Grifo meu*).

Na perspectiva do liberalismo clássico, a expressão “democracia autoritária” é uma contradição em termos e mostra, claramente, a dificuldade de se compatibilizar o fascismo histórico e a tradição a qual Keynes está vinculado. Contudo, invertendo o argumento de Rockwell, pode-se perguntar: haveria alguma relação entre “as políticas

---

<sup>3</sup> ROCKWELL, L. *O que realmente é o fascismo*. (2016). In: <https://mises.org.br/article/1343/o-que-realmente-e-o-fascismo>. Para uma análise mais detida da posição de Rockwell, remeto ao artigo *Fascismo e Neoliberalismo* de minha autoria (PEREIRA FILHO, 2024), publicado em: *Caleidoscópio II – Reflexões sobre ética e política*. Org. BECKER, E. e PRIMO, M. Discurso editorial/República do livro, São Paulo, 2024.

fascistas” e o neoliberalismo defendido pelo *Instituto Mises*? No meu entender, sim, e o que vemos hoje, sobretudo em alguns governos na América latina, é justamente uma modalidade de fascismo ou neofascismo sem o intervencionismo econômico feito nos moldes do liberalismo clássico. Neste tipo de fascismo, o Estado (mínimo) é compatível com políticas “tipicamente fascistas”, ou seja, *com políticas de exclusão e de extermínio*<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Nesse ponto, acerca da relação entre fascismo e neoliberalismo, vale à pena consultar o texto esclarecedor da magistrada belga Manuela Cadelli. Segundo Cadelli, “o neoliberalismo é um fascismo porque a economia subjugou os governos de países democráticos, bem como todos os espaços de reflexão. O Estado está hoje a serviço da economia e das finanças, que o tratam como um subordinado, pondo em risco até o bem comum. A austeridade desejada pelo sistema financeiro tornou-se um valor superior, que substitui a própria política. Fazer cortes no orçamento impede a realização de qualquer outro objetivo público. O princípio da ortodoxia orçamentaria avança até se inscrever na Constituição dos países. E a noção de serviço público passa a ser ridicularizada” (CADELLI, 2017, s/p). Na verdade, pouco importa para o neoliberalismo se a forma de governo é democrática/liberal ou autoritária, *o importante é que o estado esteja subordinado à economia*. Portanto, os neoliberais mentem quando afirmam que “o Estado não deve intervir na economia”, pois o que o neoliberalismo defende é que o Estado, como indica Cadelli, “deve estar a serviço da economia”, bem como da regulação de contratos no interior do mercado, e isso basta, uma vez que a elite financista global aceita tudo para impor sua agenda econômica. Tanto faz se a agenda neoliberal se impõe pela via da democracia representativa ou pela via do golpe, típica das republiquetas. Logo, impor essa agenda de forma autoritária, passando por cima dos demais poderes, é plenamente aceitável na perspectiva neoliberal. Nesse sentido, numa visada contemporânea, o neoliberalismo é fascista até a medula.

### Entre Freud e Le Bon: considerações sobre a tese de Adorno

Apesar das diferenças entre o “fascismo de ontem” e o “fascismo de hoje”, podemos notar em ambos, como já sugerimos, os efeitos de um mesmo dispositivo de atuação: a propaganda. Evidentemente, os que promovem o neoliberalismo jamais dirão que defendem *políticas de extermínio*. Ao contrário, eles lançam mão de certas palavras mágicas, como é o caso da palavra “liberdade”, que, nesse caso, rima com “dinheiro”, para mentir deliberadamente em seus discursos. Os agitadores fascistas sabem que “é difícil promover uma política que prejudicará um grande grupo de pessoas diretamente” (STANLEY, 2019, p.37). O papel da propaganda fascista seria, portanto, o de mascarar e encobrir certos interesses, lançando mão de um discurso rasteiro e confuso, aliado a mecanismos de sugestão típicos da psicologia das massas. O agitador fascista não tem jamais o intuito de convencer por meio de argumentos válidos, ele apenas quer encantar ou influenciar, apelando para o uso de palavras que possuem um sentido vago, tais como “democracia” e “liberdade”, as quais, nos seus discursos, são sempre distorcidas. Porém, isso não significa que o fascismo *deva ser explicado exclusivamente em termos psicológicos*. Conforme diz Adorno,

embora o agitador fascista indubitavelmente assuma certas tendências internas daqueles a quem se dirige, ele o faz como mandatário de poderosos interesses econômicos e políticos. Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas (ADORNO, 2015, p. 186,a)

Na interpretação que faremos ao longo desse texto acerca da propaganda fascista, não podemos deixar de lado os trabalhos de Theodor Adorno que, ao relacionar freudismo e marxismo, passa a compreender o assunto em chave crítica e englobante, mas jamais redutora, como podemos verificar em textos como *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* e, sobretudo, nos *Estudos sobre a personalidade autoritária* (1950), dentre outros<sup>5</sup>.

<sup>5</sup>Em tais obras, Adorno evita tipologias redutoras, sem desconsiderar fatores ambientais, econômicos e culturais, fornecendo material fundamental para a compreensão da “personalidade autoritária”. Como lemos no capítulo XIX da obra publicada em 1950, de um ponto de vista metodológico, Adorno deixa clara a diferença entre uma abordagem tipológica estática e estereotipada, de tipo biológico, e a abordagem tipológica dinâmica e social, voltada para o concreto, e nos informa que o próprio Freud, em alguns momentos de sua obra, apresenta essa pendor para classificar e categorizar a partir de tipos fixos e desindividualizados (ADORNO, 2019, p.520-521). Todavia, Adorno alega que sua própria abordagem tipológica é crítica e dinâmica, atenta às diferenças; porém, se há tipos fixos, justifica Adorno, isso decorre em função da natureza do objeto, pois “um grande número de pessoas não mais são ou nunca foram ‘indivíduos’” (ADORNO, 2019, p. 522). São justamente estes sujeitos estereotipados, desindividualizados,

Pretender mostrar que os fascistas de hoje deveriam ser enquadrados no mesmo padrão que encontramos na pesquisa de Adorno pode levar a uma visão abstrata e a-histórica, afinal as condições hoje são outras: as relações sociais são diferentes no capitalismo pós-industrial. No neoliberalismo o sujeito é empreendedor de si mesmo: é seu próprio patrão, seu senhor e seu escravo. Nesse sistema, o sentido clássico da liberdade se esfumaça. Como diz Byung-Chul Han, “tudo aquilo que pertence às práticas e formas de expressão da liberdade ( como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado” ( HAN, 2020, p. 111). Portanto, não é o tipo de comparação entre formas sociais distintas que busco aqui. Meu propósito é mais modesto. Pretendo apenas ver mais de perto como Adorno revisita as descrições do primeiro teórico das massas, Gustave Le Bon ( autor que sequer é referenciado na obra de 1950), mas cujas teses, a meu ver, de um ponto de vista histórico, não apenas exerceram influência decisiva sobre Mussolini, o fundador do fascismo, mas igualmente reverberam nos extremismos de direita dos nossos dias, pois, ainda que isto fique implícito nas considerações adornianas acerca de Le Bon, em a *Psicologia das multidões* encontramos indicadas boa parte das técnicas de manipulação midiática que hoje ainda são empregadas com êxito por extremistas radicais de direita.

Mas, antes de passar a Le Bon, vale a pena recordar em que sentido Adorno retoma a teoria de Freud acerca da constituição dos processos identitários de grupos organizados, como é o caso da Igreja e das Forças Armadas, pois isto tem relação direta com o nosso tema. Tais instituições, segundo ele, funcionam com uma hierarquia rígida, atravessada por laços libidinais, unindo a massa como um todo em torno da figura de um líder autoritário por meio dos mecanismos inconscientes de identificação. Nesse sentido, a identificação no interior de um grupo é correlata à tendência de se excluir “os outros”, “os de fora”, tidos como inimigos que merecem ser destruídos. Essa lógica, enfim, explicaria o *padrão da propaganda fascista*, o que a torna inseparável do sectarismo religioso indicado por Freud em sua teoria é que Le Bon já havia prefigurado de modo assertivo em suas descrições da multidão extremista e intolerante.

Segundo Freud, “no fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores” (FREUD, 2011, p. 41). A tese de Freud é que uma Igreja, como seria o caso das diferentes denominações cristãs, é atravessada por um processo identitário que permeia

---

que apresentam os mais altos índices no padrão definido como fascista na escala da tabela F.

um grupo fechado sobre si e no qual seus membros gravitam em torno de um líder. Assim, em uma igreja, todos vivem como em uma grande família, tratando-se “como irmãos”, amando-se uns aos outros sob o olhar do pai, do mestre, do guia. Um grupo religioso é, assim, atravessado por laços emocionais, sendo que o amor predomina internamente, manifestando igualdade entre os membros/irmãos, o que implica, segundo Freud, em recusar o diferente, o estranho, enfim, tudo e todos que “estão do lado de fora”.

Baseando-se em Freud, Theodor Adorno mostrou que essa é a mesma forma de atuação do fascismo, que pode ser explicado através de processos sectários de autorreferência, ou seja, da lógica *in-group/out-group*, de inclusão e exclusão, amor e ódio. Assim, “os de fora”, ainda que isso nem sempre seja dito explicitamente, são tidos como inimigos que merecem ser aniquilados. Freud observa, porém, que esse sectarismo e intolerância religiosos às vezes pode ficar difuso ou latente, sobretudo devido à certa visão que se tem do processo civilizatório. Isso significa que o sectarismo cristão teria sido mais radical no passado, como vemos na época das cruzadas medievais, mas nada impede que, a depender das circunstâncias, o monstro ressurgira ainda mais forte e volte a ocorrer “a mesma intolerância com os de fora que havia na época das lutas religiosas” (FREUD, 2011, p.41)

Há um pano de fundo irracional nisso tudo, mas é preciso explicá-lo adequadamente para se perceber o alcance da propaganda fascista e como isso se entrelaça ao fenômeno religioso. Segundo Adorno, “realmente é isso que define a natureza e conteúdo da propaganda fascista. Ela é psicológica por causa dos objetivos autoritários irracionais, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas através do habilidoso despertar de uma ‘parcela da herança arcaica do sujeito’”(ADORNO, 2015, p.165). Isso significa que o fascismo como fenômeno de massa, na perspectiva de Adorno, embora não deva ser explicado complementemente a partir de motivações psicológicas, por meio da figura do líder autoritário, produzirá o encantamento nas massas, ou seja, através da manipulação hipnótica irá despertar de forma artificial essa “herança arcaica”. Nas palavras de Adorno, “a agitação fascista está centrada na ideia do líder, não importando se ele realmente lidera ou não passa de legado de grupos, porque, psicologicamente, somente a imagem do líder está apta para reanimar a ideia do pai primitivo, ameaçador e todo-poderoso” (IDEM, IBIDEM). Assim, o líder não é o pai primevo, mas, simulando o ritual, age artificialmente como se fosse, representa o papel da autoridade paterna, captura os afetos, de modo que isso tem

efeito das massas que desejam a submissão.

Essa projeção edípiana da imagem do líder sobre o social (a ênfase no pai primitivo, ameaçador e violento) está no centro das análises de Adorno acerca da propaganda fascista e da personalidade autoritária, cujos elementos regressivos ele identifica no interior do processo civilizatório das ditas sociedades liberais, mas que permanece latente. Ou seja: mais que um acidente de percurso da civilização – logo, algo a ser esquecido como um desvio da marcha do progresso –, Adorno nos recorda que o fascismo impregna as próprias sociedades liberais e suas instituições que servem bem à elite conservadora que deseja manter privilégios de classe. Assim, para Adorno, ao contrário das promessas de emancipação política, as sociedades ditas “modernas” conduzem ao fracasso do ideal de autonomia do sujeito do iluminismo, restando, pois, uma estreita margem de atuação política para se impor frente aos rompantes do fascismo, o qual, como uma hidra de mil cabeças, sempre ressurge em contextos de crise social no bojo de um sistema econômico excludente que vive da exploração alheia. É assim que civilização e barbárie caminham juntas<sup>6</sup>.

Não é nosso intuito discutir a tese de Adorno acerca de Freud em pormenores ou refletir sobre o que há de continuidade e diferença entre ambos. Se parto de Adorno é porque, em suas análises, além de Freud, há um outro nome igualmente relevante, normalmente posto de lado ou visto apenas como um proto-fascista desajeitado. Refiro-me, evidentemente, a Gustave Le Bon, cuja obra, a meu ver, merece ser revisitada. Não custa lembrar que o próprio Freud, em sua obra *Psicologia das massas e análise do Eu*, toma como ponto de partida as teses de Le Bon.

A posição de Freud em face de Le Bon é ambígua: por um lado, ele elogia o brilhantismo das descrições lebonianas dos diversos fenômenos presentes nas ações

---

<sup>6</sup> Como afirma Adorno, “A barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão (...). Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios *O mal-estar na civilização* e *Psicologia das massas e análise do eu* mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie se encontra no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador” (ADORNO, 2019, p.119- 120). Quanto às possibilidades de enfrentamento do “fascismo”, veja-se as considerações do autor em seu texto *Aspectos do novo radicalismo de direita* (2020). Evidentemente, extrair todas as consequências das análises de Adorno não é o objetivo deste artigo, mas vale a pena chamar a atenção para a atualidade do assunto que envolve, entre outras coisas, a necessidade de se fazer o enfrentamento da extrema direita nos nossos dias “no seu próprio terreno” ( ADORNO, 2020, p.76), mas sem o mesmo modelo de propaganda e táticas: “mas não se trata de colocar mentira contra mentira, de tentar ser tão esperto quanto eles, mas de realmente contrapor-se a eles com uma força decisiva da razão, com a verdade realmente não ideológica” ( ADORNO, 2020, p.76). Todo o problema é que Adorno parece não levar em conta nessa passagem que a política é inseparável do plano dos afetos e não pode ser feita num plano exclusivamente racional.

inconscientes que recobrem a massas, como os atos de linchamento típicos das “multidões efêmeras” no qual se manifesta o lado sombrio, instintivo, destrutivo, regressivo do ser humano; mas, por outro lado, Freud, critica a solução de Le Bon que busca explicar a causa de tais fenômenos regressivos a partir da obscura noção de “sugestão”. Para Freud, Le Bon toma o efeito pela causa. No entanto, quando comparado com outros psicólogos sociais com os quais discute, Freud parece estar mais próximo de Le Bon do que aparenta.

Ampliando o escopo de sua psicologia das neuroses e lançando mão de categorias como libido, identificação e enamoramento, Freud procura esclarecer justamente aquilo que Le Bon e outros psicólogos sociais do seu tempo, como W. McDougall e W. Trotter, deixam na sombra. Enquanto MacDougall irá apresentar a ideia de que o indivíduo adere à massa em função de uma gratificação (ganho de prazer) seguindo um instinto gregário inato, enquanto Trotter vê o ser humano como um animal de rebanho incapaz de viver por si só, Freud irá optar por um caminho muito mais complexo, recusando a ideia de um instinto gregário primitivo. Afinal, o que mantém uma massa coesa? Por que aderimos a grupos? Porque os indivíduos nas massas são sugestionáveis? Que força irresistível há nelas que o faz abrir mão de sua autonomia?

Freud argumenta que a noção de libido, que desempenhou papel central na sua psicologia das neuroses, sobretudo na compreensão nos sintomas que envolvem o núcleo estreito da família, no qual se localiza o complexo de Édipo, irá permitir dar um passo além dos seus antecessores. Ao invés da tese de que há no ser humano um instinto gregário original e que o indivíduo se orienta pelo “ganho de prazer”, como vemos em MacDougall, Freud parte da hipótese de que a massa é atravessada por uma dimensão *erótica*. Ele não nega, como afirmará MacDougall, que uma sensação extremamente prazerosa leva os indivíduos a entregarem-se de modo irrestrito às suas paixões e, desse modo, a serem absorvidos por uma massa organizada, mas se pergunta: *qual a fonte desse prazer?* Vejamos.

Freud distingue antes de tudo massa com líder e massa sem líder, porém, ele se deterá apenas nas primeiras. Neste caso, a massa pode ser vista como uma família ampliada e o que a mantém unida é a relação afetiva ou libininal entre seus membros. Conforme a teoria freudiana, na dimensão familiar, durante a primeira infância, movido pelo narcisismo primário, a criança inicialmente rivaliza com o pai, deseja substituí-lo e possuir o que ele possui, mas, em seguida, passa a se identificar com a autoridade paterna, desejando ser quem ele é. Durante as primeiras fases libidinais, na qual está

voltado para si e se acha o centro do mundo ( narcisismo primário), ocorre o investimento no objeto de desejo (a mãe), mas tal investimento é bloqueado, inibido em sua meta, podendo ser convertido numa relação terna, permanecendo, porém, como um fantasma (objeto perdido), ou seja, como falta, sendo que, posteriormente, o investimento libidinal é transferido para outros objetos (outros amores), ao passo que aos poucos aflora no sujeito a instância que Freud denomina *ideal de Eu*. Desta forma, o sujeito é cindido e passa a exercer sobre si mesmo a vigilância, internalizando regras e normas sociais, passando a se *identificar* com o pai.

No plano social, Freud explica de forma análoga a gênese do patriarcado. Para tanto, introduz a hipótese do assassinato do pai pela horda primitiva, tal como vemos em *Totem e Tabu*, obra na qual elucida a gênese do processo civilizatório, quer dizer, a passagem da natureza para a cultura com a proibição do incesto (tabu) e a instauração do sistema totêmico, no qual os membros de um mesmo clã, reprimindo suas paixões, são proibidos de terem relações sexuais entre si, fundando, desse modo, a ordem familiar que está assentada na relação ambígua de repulsa e amor pelo pai, que, ao assumir uma função simbólica, regula o desejo e estabelece a lei, dando origem à nova ordem patriarcal. Nesse caso, o pai enquanto aquele que ama e aquele que pune, passa a adquirir feições divinas ou elevadas (FREUD, 2013, p.153). Daí que “no exame psicanalítico do indivíduo mostra-se, com toda ênfase, que, para cada pessoa, o deus é modelado pelo pai” (IDEM, IBIDEM). Nessa nova ordem, os filhos não querem ter o mesmo destino (a morte violenta) do pai terrível da horda primeva; contudo, a herança arcaica permanece no “homem civilizado”, pois, cada membro da massa, desindividualizando-se, numa espécie de autoimolação, passa a projetar idealmente seus anseios no líder, que é visto como guia absoluto e inquestionável. Assim, resume Freud, “o indivíduo renuncia ao seu ideal de Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder” (FREUD, 2011, p.72).

Ora, o instinto gregário de Trotter e MacDougall, “não deixa lugar para o líder; este se acrescenta casualmente ao rebanho, e ligado a isso temos que nenhum caminho leva desse instinto à necessidade de um deus; falta o pastor para o rebanho (FREUD, 2011, p.63). É aqui que Freud reencontra Le Bon, pois, conforme este autor, “nas multidões humanas, o condutor desempenha um papel decisivo. A sua vontade é o centro em volta do qual se formam e se identificam as opiniões. A multidão é um rebanho que não pode passar sem senhor” (LE BON, 2018, p. 111)<sup>7</sup>. Evidentemente,

<sup>7</sup> Sempre me referir a obra *A psicologia das multidões*, de Le Bon, citarei a paginação da seguinte edição: LE

não se pode confundir a explicação freudiana com as descrições lebonianas sobre a relação entre o líder e a massa. Em Le Bon, o líder é dotado de “prestígio” e, por isso, exerce fascínio sobre as massas. Segundo Le Bon,

A maior parte das vezes, os condutores não são homens de pensamento, mas de ação. São pouco clarividentes, como não pode deixar de ser, pois a clarividência sempre ligada à dúvida e leva à inação. São recrutados sobretudo entre os neuróticos, os excitados, os semialienados à beira da loucura. Por mais absurdas que sejam as ideias que defendem, qualquer raciocínio que se lhes oponha esbarra com a sua obstinada convicção. Se desprezados e perseguidos, tornam-se ainda mais obstinados. Interesses pessoais, família, tudo sacrificam. Até o instinto de conservação diminui neles a tal ponto que chegam a pedir como única recompensa o martírio (LE BON, 2018, p. 112)

Freud não contesta diretamente esse aspecto, mas mostra que Le Bon não explica adequadamente de onde deriva o prestígio do líder e porque ele exerce encanto e autoridade sobre as massas. O próprio Le Bon indica a dificuldade de explicar a natureza do fenômeno, referindo-se a eflúvios misteriosos (ou “qualquer outra causa ainda desconhecida”) que se dependem da multidão de modo que, em multidão, o indivíduo se esvanece e “depressa se encontra num estado característico que muito se assemelha com o estado de fascinação do hipnotizado nas mãos do hipnotizador” (LE BON, 2018, p. 35-36).

Em termos muito resumidos, pode-se afirmar que a diferença entre a perspectiva de Le Bon e a de Freud, é que o primeiro indica a passividade da multidão, submetida à condução do líder, mas não esclarece, ao menos em termos freudianos, a razão dessa passividade, dessa submissão, o que equivale a dizer que, segundo Freud, Le Bon não explica o que está por trás do “biombo da sugestão”. A esse respeito é interessante observar que, embora tenha recusado a hipnose como método terapêutico, Freud mostra a função da hipnose como um fenômeno importante da psicologia das massas, conforme vemos no capítulo VIII dessa obra intitulado justamente “enamramento e hipnose” (FREUD, 2011, p. 53 e ss). Ele observa, porém, que o caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, tal como vemos nos fenômenos de sugestão que Le Bon apresenta, na verdade deve ser remontado à sua origem, ou seja, a partir da horda primeva. Nesse sentido, “o líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do

---

BON, G. (1895) *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018. Porém, farei, caso haja necessidade, pequenos ajustes na tradução de Mariana Servulo da Cunha, de resto excelente, com base na seguinte edição em francês: LE BON, G (1895) *Psychologie des foules*. Félix Alcan, 9ed. 1905, bem como da tradução menos literal de Ivone Moura Delraux. Publicada em 1980 pelas *Edições Roger Delraux*, disponível em PDF, mas que, infelizmente, não tem paginação.

ideal do Eu” ’ (FREUD, 2011, p.71)<sup>8</sup>.

Notemos, para completar essa breve análise, que Le Bon aponta para um outro aspecto do fenômeno, a saber: a sugestão hipnótica que os próprios membros da massa exercem entre si. Assim, sob domínio hipnótico “um indivíduo pode lançar-se com irresistível impetuosidade na execução de certos atos”, mas complementa Le Bon, “tal impetuosidade é ainda mais irresistível nas multidões do que no indivíduo hipnotizado, porque, como a sugestão é igual para todos os indivíduos, ao tornar-se recíproca, amplia-se” (LE BON, 2018, p.36). Esse aspecto também será destacado por Freud, pois além da relação vertical entre o líder e a massa, há a relação horizontal dos membros da massa entre si que, nesse caso, amam-se e vigiam-se uns aos outros. Conforme Freud, a influência da sugestão não ocorre de modo unilateral, de cima para baixo, ela “não só é exercida pelo líder, mas também por cada indivíduo, um sobre o outro” (FREUD, 2011, p. 61). Ora, é justamente a isso que Le Bon chama de *contágio*, Freud, por seu turno, nomeará esse processo mimético como uma “infecção psíquica” (FREUD, 2011, p.48).

No já mencionado ensaio *A teoria freudiana e padrão da propaganda fascista*, Adorno marcará a diferença entre ambas as perspectivas, sem se deter muito nas considerações de Le Bon. Isso não quer dizer que, neste e em outros textos, Le Bon não seja citado diretamente ou figure nas entrelinhas. Temos, numa primeira impressão que, sempre que se refere a Le Bon, Adorno o faz frequentemente para apontar os limites da sua teoria em face da perspectiva freudiana. O que é compreensível, haja vista a visão hipostasiada do autor quando usa termos obscuros como “eflúvios” ou termos de origem metafísica como “alma da multidão”, por exemplo. Porém, as teses de Le Bon não são negligenciadas por Adorno, assim como não foram por Freud, ao contrário, suas ideias parecem estar na base do “padrão da propaganda fascista”. Adorno reconhece, por um lado, que “os momentos irracionais do comportamento de massa foram descritos há algum tempo, particularmente na *Psychologie des foules*, por

---

<sup>8</sup> Em *A psicologia das multidões* Le Bon apresenta claramente a relação entre fascínio e hipnose, ao apontar para a sujeição dos que seduzidos pelo líder renunciam à sua consciência, individualidade e autonomia, entregando-se de maneira acrítica às sugestões, passando a viver num estado de fascinação, sem lastro com a realidade, ao que Freud denomina “enamoramento”. Certamente, há diferenças consideráveis em relação a ambas perspectivas que valeria a pena discutir, pois Le Bon não desce até a psicologia das profundezas, mas, mesmo estando na superfície, ele indica o caminho para aqueles que desejam se impor sobre as massas. Sobre a relação entre enamoramento e hipnose, segundo Freud, a seguinte passagem é muito esclarecedora: “Do enamoramento à hipnose o passo, evidentemente, não é grande. As concordâncias entre os dois são óbvias. A mesma humilde sujeição, mesma docilidade e ausência de crítica ante o hipnotizador, como diante do objeto amado. O mesmo solapamento da iniciativa própria; não há dúvida, o hipnotizador assumiu o lugar do ideal do Eu. Tudo na hipnose é ainda mais claro e intenso, de modo que seria mais adequado elucidar o enamoramento pela hipnose do que o contrário. O hipnotizador é o único objeto, nenhum outro recebe atenção além dele ( FREUD, 2011, p.57).

Gustave Le Bon”, mas, por outro, em Le Bon, “a irracionalidade que é o objeto de observação se mistura e se confunde com o irracionalidade do observador” (ADORNO E HORKHEIMER, 1969, p.77). Segundo Adorno, Le Bon propôs a si mesmo a tarefa de investigar as massas comtiantamente, isto é, “como um estudioso das ciências naturais e oferecer uma espécie de fenomenologia descritiva das massas” (IDEM, IBIDEM), mas, seu próprio irracionalismo o limita de um ponto de vista científico. Contudo, embora indique as limitações de Le Bon, em outros momentos, o tom em relação ao autor muda. Assim, se Freud é fundamental para se entender “a personalidade autoritária” e, além disso, como reconhece Adorno, quer oferecer uma via de “emancipação do homem em relação às leis heterônomas do seu inconsciente” (ADORNO, 2015, p.187.a), Le Bon, por seu turno, torna-se igualmente importante para se entender os poderosos e hábeis mecanismos de manipulação midiática que reforçam ou despertam a herança arcaica dos sujeitos e os impulsos violentos que os ligam ao líder autoritário, o que implica, para utilizar os termos do próprio Adorno, e num sentido oposto ao freudismo, em não “tornar os sujeitos conscientes de seu inconsciente” ( ADORNO, 2015, p.187a). Ou seja: embora se refira a Freud, Adorno fala da “apropriação da psicologia das massas pelos opressores” (ADORNO, 2015, p. 186, a), sugerindo a captura da teoria por parte dos agitadores fascistas e, neste caso, parece-nos que é Le Bon e não Freud que permite entender *os artificios* e as técnicas por meios dos quais líderes facistas manipuam e fascinam as massas. Nesse sentido, Adorno chegará à seguinte conclusão: “após as experiências das últimas décadas, é necessário admitir que, pelo menos superficialmente, a tese de Le Bon parece ter sido confirmada de forma surpreendente, mesmo sob as condições da moderna civilização técnica, em que se pensava que era possível ter massas humanas ilustradas” ( ADORNO E HORKHEIMER, 1969, p.79).

Trata-se, portanto, de verificar a partir de agora, o núcleo da tese de Le Bon e, como procurarei mostrar a seguir, esse núcleo passa justamente pela articulação entre uma pouco arrojada, mas eficaz, psicologia das massas e a política autoritária que está na origem do fascismo, ou de forma mais abreviada, trata-se de refletir sobre a relação entre “propaganda fascista” e “religião”, pois é justamente esse o ponto de partida de Mussolini, que depois seria acompanhado por outros líderes fascistas, de Hitler até os nossos dias.

### ***A psicologia das multidões como fonte do fascismo***

*A psicologia das multidões* (1895) foi publicada numa época que ainda trazia as marcas profundas deixadas pela comuna de Paris, de 1871. De um lado, ficou a lembrança dos corpos vencidos que lutaram nas barricadas; mas, mesmo derrotada, o movimento operário francês não se calou e o sangue derramado serviria para dar nova significação às lutas sociais. Do outro lado, apesar da vitória, a direita reforçou a vigilância das elites quanto à ameaça comunista, sempre recorrente. Le Bon vivia, portanto, um momento histórico decisivo, tanto pelos novos campos científicos que se abriam no âmbito das assim chamadas “ciências do homem”, que ainda engatinhava, quanto pelo renascimento do movimento operário e do “perigo de uma nova onda de agitação das massas” e sua reivindicação de direitos.

Hoje, as reivindicações das multidões tomam-se cada vez mais definidas e procuram destruir de alto a baixo a sociedade atual, para a reconduzirem ao comunismo primitivo que foi o estado normal de todos os grupos humanos antes da aurora da civilização. Tais reivindicações são a redução das horas de trabalho, a expropriação das minas, dos caminhos-de-ferro, das fábricas e do solo, a distribuição igualitária dos produtos, a eliminação das classes superiores em benefício das classes populares, etc (LE BON, 2018, p.21)

É a partir desse duplo foco - o nascimento das ciências humanas e as lutas sociais - que devemos entender o surgimento da proposta de Le Bon de fundar um novo ramo de conhecimento – *a psicologia das massas* - por meio do qual ele pretende explicar as transformações e os movimentos sociais. Contudo, estamos bem longe da construção de uma ciência objetiva e neutra, ou comtiana, como diz Adorno. Na verdade, Le Bon, que era médico de formação, não apenas faz o diagnóstico dos males do seu tempo, ele também pretende prescrever o remédio. Daí que sua psicologia das massas tenha um teor normativo. O próprio Le Bon acreditava estar revestido da missão de orientação política, assumindo a tarefa de produzir, mais que uma ciência ou fenomenologia descritiva, uma nova arma de combate que, se bem manejada, seria capaz de transformar os rumos de uma nação.

Não causa espanto, portanto, que ele veja a si mesmo como um educador das elites e uma espécie de “Maquiavel das sociedades de massas”<sup>9</sup>. Cabe lembrar que *A psicologia das multidões* logo viraria um *best seller*, mas o livro foi completamente

---

<sup>9</sup> A esse respeito ver: MOSCOVICI. S. *L'âges des foules: Un traité historique de psychologie de masses*, p. 84 e ss.

desprezado pela academia, ao contrário dos trabalhos de Gabriel Tarde (1843-1904) e Emile Durkheim (1858-1917), cujo prestígio acadêmico só crescia. Contudo, o recado contido no livro de Le Bon, chegaria a figuras como Hitler, Goebbels e Mussolini, que o leram, plagiaram, aplicaram e notaram a eficiência dos seus preceitos. Sobre Le Bon, Mussolini, diz com todas as letras:

Li toda sua obra imensa e profunda. Sua *Psicologia das multidões* e sua *Psicologia dos tempos novos*, assim como seu *Tratado de psicologia política* são obras as quais me refiro com frequência. Inspirei-me nos princípios contidos nesses livros para edificar o regime atual da Itália. (MUSSOLINI, B. Apud: MOSCOVICI,1985.p.85)

Essa referência de Mussolini a Le Bon recuperada por Serge Moscovici em seu tratado sobre a psicologia das massas não é gratuita ou isolada. Longe disso, há muitas outras passagens que vão na mesma direção<sup>10</sup>. Em seu estudo sobre o fascismo, De Felice chega a afirmar que “se se quiser, pode-se mesmo examinar seus escritos e discursos à luz de como as sugestões de Le Bon se traduzem na prática” (DE FELICE, 1968, p.369). Quanto a isso, refletindo sobre a propaganda fascista e seu vínculo com a psicologia social de Le Bon, Beatrice Sica (2018), no seu estudo intitulado *Il Duce e il popolo-cavallo: politica, pedagogia e propaganda nell’immagine di Mussolini condottiero*, analisa a figura de “Mussolini a cavalo” em inúmeras propagandas da época. Como alerta a autora, há um repertório imenso de imagens a serem analisadas, mas todas reforçam a figura do “duce másculo e invencível”, praticando esporte, nadando na praia, andando de moto ou a cavalo, sendo que esta última figura é a mais explorada pela propaganda. Na perspectiva da autora, isso tem um efeito psicológico marcante em um povo que deseja a submissão: “permanecem sob o cavalo de Mussolini, submissos, prontos para cumprir ordens e segui-lo em batalha” (SICA, 2018, p.10). Embora Sica não explore o vínculo entre propaganda e religião, como fazemos aqui, sua análise é de grande auxílio para uma pesquisa comparativa, sobretudo caso se queira mostrar como os líderes fascistas dos nossos dias exploram o mesmo repertório da propaganda fascista como no caso das famigeradas “motociatas”, que, até visualmente, lembra uma massa ou rebanho, e que foram exaustivamente utilizadas como arma de propaganda nas performances do extremista brasileiro Jair Messias Bolsonaro, que também surge a cavalo, nadando na praia, praticando esporte, com pose

<sup>10</sup> Para um quadro geral de referências acerca da influência decisiva de Le Bon sobre Mussolini ver: DE FELICE, R. *Mussolini il fascista, II, L’organizzazione dello Stato fascista, 1925-1929*, Torino, Einaudi, 1968.

de atleta e de homem másculo. Sobre o caráter performático e artificial que marca o teor da propaganda fascista, tal como vemos nas pantomimas e bizarrices de Mussolini, Hitler e outras figuras, cujo propósito é manter o foco sobre si, Adorno nos diz o seguinte:

A construção do líder autoestilizado é uma performance remanescente do teatro, do esporte e do assim chamado renascimento religioso. É característico dos demagogos fascistas se vangloriar de terem sido heróis atléticos em sua juventude. É assim que se comportam. Eles gritam e choram, lutam com o demônio em pantomimas e tiram seus casacos ao atacarem ‘aqueles poderes sinistros’ (ADORNO, 2015, 145b, p. 145).

Nos termos de Le Bon, esse fator é um dos aspectos de “prestígio” mas, bem entendido, trata-se de um prestígio artificial, produzido pela encenação do líder, conforme um plano de aparência, o que faz da política um espetáculo; tema que, aliás, é recorrente nas reflexões clássicas de Plutarco, Maquiavel ou Pascal. Como diz Le Bon, “um militar fardado ou um magistrado de toga têm sempre prestígio. Já Pascal observara como togas e cabeleiras eram necessárias aos juizes, que, sem elas, perderiam grande parte da sua autoridade” (LE BON, 2018, p.122). A diferença é que, no caso do líder fascista, todo decoro desaparece e as bizarrices mais delirantes, os gestos mais exagerados, ficam em primeiro plano para mover os impulsos das massas e despertar seu lado sádico diante de suas vítimas.

Le Bon indicará a esse respeito como os impulsos violentos que caracterizam as massas podem ser catalisados por um líder “com prestígio”, o que é feito com as armas da propaganda, do contágio e da sugestão.

As multidões estão um pouco na situação da pessoa adormecida cuja razão, momentaneamente suspensa, permite que surjam no espírito imagens de grande intensidade, mas que depressa se dissipariam se fossem submetidas à reflexão. As multidões, incapazes de reflexão e de raciocínio, não conhecem o inverossímil; ora as coisas mais inverossímeis são geralmente as que mais impressionam. É por isso que os aspectos maravilhosos e lendários dos acontecimentos são sempre os que mais impressionam as multidões. Na realidade, o maravilhoso e o lendário são os verdadeiros suportes da civilização. Na história, a aparência sempre desempenhou um papel bem mais importante que a realidade. Aí é o irreal que predomina sobre o real (LE BON, 2018, p.67).

Com efeito, o líder, conforme os preceitos de Le Bon, deve apelar para uso de imagens e palavras mágicas que não tem base na realidade, o significativo para Le Bon

se sobrepõe ao significado. Além disso, o condutor deve afirmar coisas inverossímeis que reforçam os vínculos emocionais, a fim de guiar os impulsos regressivos e produzir, a partir deles, atos de “heroísmo” com base numa realidade distorcida. Isso explica o “efeito manada” dos que se rendem aos encantos do líder que protagoniza a cena e goza, com sua horda, com a destruição do outro.

Os instintos de ferocidade destrutiva são resíduos das idades primitivas que dormem no fundo de cada um de nós. Para o indivíduo isolado seria perigoso entregar-se a esses instintos, mas, integrado numa multidão irresponsável, onde a impunidade está por consequência assegurada, tem plena liberdade para os satisfazer. Como normalmente não podemos exercer esses instintos destruidores sobre os nossos semelhantes, limitamo-nos a exercê-los nos animais. A paixão pela caça e a ferocidade das multidões derivam da mesma fonte. A multidão que despedaça lentamente uma vítima sem defesa dá provas de uma crueldade muito covarde, mas que se aproxima muito da crueldade dos caçadores que se reúnem para terem o prazer de assistir ao espetáculo dos seus cães a estriparem um pobre veado. Se é certo que a multidão é capaz de assassinar, incendiar e cometer toda a espécie de crimes, não é menos certo que é também capaz de atos de sacrifício e de desinteresse mais elevados do que aqueles que o indivíduo isolado é capaz de praticar. É principalmente ao indivíduo em multidão que se dirige a exortação dos sentimentos *de glória, de honra, de religião e de pátria*. ( LE BON, 2018, P. 57)

Segundo Le Bon, o espetáculo tem dois lados: a destruição do outro e o heroísmo territorialista. Por isso, para orientar os instintos destrutivos da massa, é fundamental apelar o mínimo possível para a faculdade do entendimento, ao contrário, deve-se dar ênfase à imaginação, pois aqui não se trata de argumentar ou discutir, mas de impressionar e convencer, e se convence melhor abusando de afirmações violentas. Fica claro, portanto, que o discurso fascista não visa a verdade e não passa de uma encenação, uma performance e um ritual, como indicará Adorno ( 2015 b, 146 e ss). Nesse sentido, a arte de transformar mentira em “verdade” é expressa nos seguintes termos por Le Bon: “sempre que uma afirmação é suficientemente repetida com unanimidade, forma-se aquilo a que se chama uma ‘corrente de opinião’” (LE BON, 2018, p.118). Ou ainda: “a afirmação pura e simples, livre de qualquer raciocínio e de qualquer prova, é um instrumento seguro para fazer penetrar uma ideia no espírito das multidões. Quanto mais concisa for a afirmação, e mais desprovida for de prova e demonstração, tanto mais autoridade terá” (LE BON, 2018, p.117) . Daí que o agitador fascista, nunca argumente, ao contrário, seu ritual estereotipado e difamatório consiste em repetir incessantemente, como observa Adorno, os mesmos padrões, os mesmos

clichês (ADORNO, 2015b, p. 147). Nesse caso, no discurso fascista, “o mais importante é a dicotomia entre preto e branco, amigo e inimigo” (IDEM, IBIDEM).

Para Lebon, o condutor das massas nunca deve expor a verdade de modo imparcial, transparente e ao alcance de todos. Ao contrário, o que conta não é verdade, mas a força da atuação; não são as ideias prudentes, mas a ação eficaz que reforçam o processo de identificação de um grupo político através das emoções e das crenças. Segundo esse preceito, a política é um palco de guerra e para se obter vitória nesse campo deve-se mentir deliberadamente, desde que o inimigo seja aniquilado, por isso, deve-se evitar qualquer tipo de debate mais aprofundado, para que, convencida da grandeza do líder, a seita de fanáticos passe a amá-lo acima de tudo. Não por acaso, Hitler inspirou-se neste preceito ao escrever o seguinte:

A fé é mais difícil de abalar do que o saber, o amor é menos sujeito a transformação do que a inteligência, o ódio é mais durável que a simples antipatia, e a força motriz das grandes revoluções, em todos os tempos, não foi o conhecimento científico das grandes massas, mas sim um fanatismo entusiasmado e, às vezes, uma onda histórica que as impulsionava. Quem quiser conquistar as massas deve conhecer a chave que abre as portas do seu coração. Essa chave não se chama objetividade, isto é, debilidade, mas sim vontade e força. A conquista da alma do povo só é realizável quando, ao mesmo tempo em que se luta pelos próprios fins, se aniquila o adversário dos mesmos ( HITLER, 2016. 262).

A esse respeito cabe tecer algumas considerações para vislumbrar com clareza a relação entre propaganda fascista e religião. Embora não seja o foco desse trabalho se deter numa análise da situação na Alemanha de Hitler, vale a pena indicar o vínculo estreito entre ideologia nazista e religião, aspecto que também encontraremos, como veremos logo abaixo, no fascismo de Mussolini. Contudo, vale a pena indicar alguns apontamentos.

Referindo-se à obra de Hitler, Victor Klemperer, nos diz que “jamais um livro de pregação clerical foi escrito de maneira tão vil e desavergonhada quanto o *Mein Kampf*, de Hitler” (KLEMPERER, 2009, 66). Ora, o esforço de fundar uma “religião nazista” (Igreja Nacional do Reich) em torno da figura mítica do Führer, visto como “um novo messias”, se evidencia já nos primórdios dos círculos místicos difundidos por Dietrich Eckart e Heinrich Himler, dentre outros proto-nazistas. Esse caráter de seita é notável nos trabalhos de H. St. Chamberlain, autor da obra *Os fundamentos do século XIX* (1899), que elaborou a teoria das raças que servirá de base para *Minha Luta*, e

também em Alfred Rosenberg, tido como o “filósofo” do nazismo, e um dos principais responsáveis pela divulgação da doutrina da raça ariana que está na origem do holocausto. Em seu livro, *O mito do século XX*, lemos: “Os belos tipos raciais nórdicos são exemplos da beleza racial germânica em sua forma mais pura. O ideal nórdico do homem mostra um semblante profundamente enrugado e viril como o rosto de Deus” (ROSENBERG, 2016, p. 154). Essa mistificação em torno raça e do líder que a representa é atravessada pelo poder da imaginação e pela tendência da massa distorcer a realidade, o que, como indicará Le Bon, está na base das diversas religiões.

Acerca da situação da relação entre nazismo e religião, a obra de Georg Lukács, *A Destruição da Razão*, reconstrói de forma brilhante o percurso que vai do romantismo místico à Rosenberg, e elucida pontos fundamentais, sobretudo no que diz respeito à germanização do cristianismo em face da teoria das raças. A síntese disso está exposta na análise feita por Lukács no Cap. VII de *A destruição da razão*. Não é o caso aqui de detalhar o assunto, apenas observo, seguindo a argumentação de Lukács, que o conceito nazista de religião se articula com a teoria das raças, o que faz toda a diferença entre um Gaubineau, um Hitler, um Rosenberg e um Chamberlain. O primeiro não percebe a contradição entre “o universalismo cristão”, que ele defende e sua teoria das raças (tanto que será criticado por Chamberlain neste ponto), já os últimos não vão simplesmente deixar a religião cristã de fora, mas, de um modo bizarro, irão transformá-la. Daí falarem em um Jesus Ariano, um “arianismo cristão”, no qual Cristo, ao invés de defender a paz e comunhão dos povos, defende a guerra, a superioridade germânica e a inferioridade das raças, o que se liga as teses de extermínio e de eugenia. A meu ver esse é um ponto fundamental que permite a Lukács, justamente, explicar o ecletismo nazista: “O movimento nacional-socialista surge assim com a pretensão de instituir uma nova religião” (LUKÁCS, 2020, p.645). O problema está justamente aí: como ser germânico e cristão? Como conciliar o *Sermão da Montanha* e eugenia? Ora, é justamente isso que a distorção nazista irá propor para seduzir as massas com seu Jesus nórdico e fascista, o que não passa de um artifício bizarro para reescrever a história <sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Essas considerações podem dar ensejo a um outro trabalho, fiquemos, pois, com a brilhante síntese de Lukács: “A proclamação de Jesus Cristo como germânico já era um ponto programático da renovação chamberlainiana da religião. Para Rosenberg, Jesus Cristo já estava calçado com as botas da SA: “Jesus hoje se mostra a nós como um senhor consciente de si mesmo”. Ao mesmo tempo, Rosenberg determina que esse cristianismo arianizado e “desjudeizado” se converta em instrumento para a submissão da vontade por parte da política imperialista do fascismo: “Mas um movimento religioso alemão que quer se converter num movimento popular deve declarar que o ideal do amor ao próximo tem de se submeter incondicionalmente à ideia de honra nacional”. O que Hitler e Rosenberg entendem por “honra nacional” se depreende claramente de tudo o que já expusemos aqui. Para criar esse substitutivo fascista da religião, Rosenberg faz culminar sua

Isso é realmente bizarro, mas as massas não são predispostas ao raciocínio lógico, e sim ao sentimento, à convicção e às crenças. Ora, os livros religiosos, como a Bíblia, sempre procederam por simples afirmação, jamais por argumentos. É nesse sentido que a convicção cega da massa é atravessada por aquilo que Le Bon chama de “sentimento religioso”. Por isso, prossegue Le Bon, “é uma banalidade dizer que as multidões precisam de uma religião. As crenças políticas, divinas e sociais infiltram-se nelas revestindo sempre uma *forma religiosa* que as coloca ao abrigo de qualquer discussão” (LEBON, 2018, 72). Nesse sentido, Le Bon deixa explícita a tarefa de se associar religião e propaganda política e, justamente nesse aspecto, sua obra inspira decisivamente o movimento fascista, de Mussolini aos nossos dias. Nas palavras do autor,

As convicções das multidões revestem estas características de submissão cega, de intolerância feroz, de necessidade de propaganda violenta que são inerentes ao seu sentimento religioso; pode por isso afirmar-se que todas as crenças têm uma forma religiosa. O herói que a multidão aclama é para ela um verdadeiro deus. Os fundadores das crenças religiosas ou políticas fundaram-nas porque souberam impor às multidões estes sentimentos de fanatismo religioso que fazem o homem encontrar a felicidade na adoração e o levam a sacrificar a vida pelo seu ídolo (LE BON, 2018, 72).

Le Bon não toma a religião, evidentemente, como experiência existencial da vida inter-humana que se abre à manifestação do que é sagrado e do que é divino. Para Le Bon, sentimento religioso rima com idolatria e culto a imagem do líder que é um arremedo do divino, embora queira transparecer elevação espiritual. Não é por acaso, portanto, que o fascismo, inspirado nas teses lebonianas, se apresente como uma *doutrina* de caráter religioso. Não à toa, *A doutrina do fascismo* logo de início apresenta as teses de uma “visão espiritual da vida”.

### ***A doutrina do fascismo e a religião***

---

teoria das raças no mito da grandeza germânica, procurando também aqui unificar ecleticamente todas as tendências reacionárias de um século inteiro, desde o romantismo feudal até a filosofia da vida imperialista. “Uma das mais grandiosas tarefas de nosso século consiste em dar forma, como igreja alemã, aos anseios da alma da raça nórdica sob o signo do mito do povo”. E o próprio Hitler declara, em 1932, perante Rauschning: “Só se pode ser germânico ou cristão. Não é possível ser as duas coisas a um só tempo... Não é possível converter Jesus Cristo num ariano, isso é um absurdo”. (Não deixa de ser interessante, novamente, observar o que Hitler pensa sobre os esforços das teorias das raças de seus filósofos da vida, Chamberlain e Rosenberg). E continua: “O que podemos fazer? A mesma coisa que fez a igreja católica quando impôs sua fé aos pagãos: conservar o que é útil, mudando seu sentido”. Todas essas tendências do fascismo alemão, demagógicas na forma e, no que respeita ao conteúdo e essência, arbitrarias e despóticas, se concentram em sua teoria do Estado e em sua prática política” (Lukács, 2020, p.645-646).

Essa característica do fascismo já havia sido percebida por José Carlos Mariátegui, intelectual marxista peruano que acompanhou o movimento de perto, durante a década de vinte. Mariátegui não se refere diretamente a Le Bon, mas ele cita, em textos que escreveu nos anos 20, enquanto via o movimento de perto, as ideias do filósofo idealista Giovanni Gentile, que será o co-autor de *A doutrina do fascismo*. Vale a pena mencionar aqui a referência completa:

[O fascismo], expurgado dos resíduos da velha política, busca recuperar o tempo perdido. Todos os capitães do fascismo falam uma linguagem mais exaltada e mística do que nunca. O fascismo quer ser uma religião. Giovanni Gentile, em ensaio sobre as *Características religiosas da luta política atual*, observa que ‘hoje, na Itália, por causa do fascismo, romperam-se aqueles que pareciam até ontem os mais sólidos laços pessoais de amizade e de família’ (...). O filósofo do idealismo foi, durante algum tempo, o filósofo da violência. Lembrando, em seu ensaio, das palavras de Jesus Cristo: *Non veni pacem mittere, sed gladium*. [Mateus 10,39: “Não vim trazer a paz, mas a espada”] (MARIATEGUI, 2010, p.323).

É sobretudo no livro-planfeto a *Doutrina do fascismo* que vemos claramente o intuito de Mussolini e Gentile de orientarem a propaganda ali contida nos moldes da religião. Em linhas gerais, a obra apresenta os motivos da recusa da democracia representativa, do marxismo, do igualitarismo, do socialismo, do liberalismo moderno e sua ênfase no indivíduo, e é feita a defesa da organização coletiva inspirada na hierarquia militar, na autoridade e na necessidade de um estado totalitário e intolerante (MUSSOLINI E GENTILE, 2019). Essa seria a grande novidade do partido fascista e sua ideia de uma aliança pela Itália, que tinha, desde a origem, o aspecto de uma milícia religiosa capaz de ir até as últimas consequências e eliminar seus adversários em nome do destino de uma nação guiada por Deus, aliando seu passado mítico a um tempo infinito, uma espécie de reino perpétuo dos que não temem a morte e levam o terror aos adversários.



Neste contexto, as brigadas negras (ou “os camisas negras”), o braço armado do movimento, deve ser visto a partir de dois momentos, que o próprio Mussolini fez questão de enfatizar. Num primeiro momento, antes de assumir o poder, o fascismo se vangloriava de não ter um programa fechado, pois desejava atrair ou converter diferentes segmentos sociais. Nesta fase, o uso da violência, da intimidação e da força bruta foram, segundo Mussolini, necessários para abrir caminho. Quanto a isso, como relata Robert Paxton, poucos meses antes de se tornar primeiro ministro da Itália, Mussolini respondeu de forma truculenta a um jornalista que exigia saber qual era o seu programa de governo: “os democratas do *Il mondo* querem saber qual é o nosso programa? Nosso programa é quebrar os ossos dos democratas do *Il mondo*” (PAXTON, 2007, p. 42). Num segundo momento, após dez anos no poder, Mussolini, sem deixar a violência de lado, aponta que era preciso reforçar o lado espiritual do movimento, que desde a origem era apoiado por poetas futuristas, escritores frustrados, intelectuais de fachada, artistas ressentidos e a massa de estudantes que aderiram fervorosamente ao regime. É nessa fase que Mussolini escreve a *Doutrina*, deixando claro seu teor espiritual e sua força vital, uma vez que era preciso manter a massa compacta, sempre atenta frente aos perigos que o inimigo representa. Na verdade, troca-se uma violência por outra, de cunho mais espiritual, discursivo, doutrinário. Mas, uma vez que o fascismo pode ser visto, desde sua origem como um movimento difuso. Cabe perguntar: que inimigo é esse? O liberalismo moderno? Os comunistas? A classe trabalhadora?

Aqui, há todo um conflito de interpretação a respeito, tendo em vista os dois momentos do fascismo que Renzo de Felice, em seu monumental trabalho, chama de fascismo enquanto “movimento” e enquanto “governo” ( DE FELICE, 1975) <sup>18</sup>. Segundo Müller,

De Felice questiona duas das mais tradicionais análises sobre o tema: o fascismo como representação dos interesses da grande burguesia e dos capitalistas contrários ao avanço dos trabalhadores e, principalmente, dos movimentos socialistas e comunistas — e, por isso, o fascismo como reação conservadora. Para De Felice, o fascismo como ‘movimento’ pouco apoio teve, ao menos em seus dias iniciais, da alta burguesia italiana. Ao contrário, o apoio vinha de grupos da pequena burguesia e dos trabalhadores, ambos em busca de ampliação de suas respectivas vozes políticas (MÜLLER, 2020).

É verdade que, em linhas gerais, a interpretação de De Felice pretende se afastar da perspectiva marxista que entende o fenômeno a partir da “luta de classes”, ou seja, que vê o fascismo emergir a partir da aliança conservadora e liberal, frente ao avanço da classe proletária. No entanto, ainda que distante do marxismo, De Felice reconhece, portanto, que o apoio ao movimento, desde sua origem, vinha da classe média ou “pequena burguesia”. Ora, é justamente esse aspecto que é enfatizado por Mariátegui, que chama atenção para o fascismo como um processo social, o qual surgiu como um movimento heterogêneo, unindo liberais, proprietários de terras, católicos nacionalistas, camponeses e militares frustrados com a derrota na guerra, que elegeram, segundo ele, um inimigo comum: a classe operária organizada. Daí o papel fundamental da classe média neste jogo, pois, segundo Mariátegui, a classe média temia ser rebaixada com a possibilidade da revolução e questionava as crescentes conquistas da classe operária depois da primeira guerra mundial.

Mas esses sentimentos de decepção nacional e depressão levaram a uma violenta reação nacionalista. Foram eles a raiz do fascismo. A classe média é particularmente acessível aos mais exaltados mitos patrióticos. E a classe média italiana, além disso, se sentia distante e adversária da classe proletária socialista. Ela não a perdoou por seu neutralismo. Não lhe perdoou os altos salários, os subsídios do Estado, as leis sociais que, durante a guerra e depois dela, tirou-lhe o medo da revolução. Esse mau humor da classe média encontrou um lar no fascismo. Foi assim que Mussolini atraiu a classe média para seu *fasci di combattimento* (MARIATEGUI, 2010, p.323.)

Ao chamar a atenção para o estado de ânimo da classe média, para o caráter espiritual do movimento e para a mitologia que a constitui, a leitura de Mariátegui, sem desprezar o papel da política e da economia na sua base material, surpreendentemente, se aproxima de uma leitura do fenômeno pelo ângulo da *psicologia das massas* e, sobre esse aspecto, sua análise é pioneira e merece ser comparada tanto com a interpretação de Adorno quanto a que foi feita por W. Reich em *A psicologia de massas do fascismo*. Com efeito, a adesão maciça ao fascismo, como notou Reich, pode parecer chocante,

mas “é preciso saber por que milhões de pessoas apoiaram a sua própria opressão, o que representa uma contradição que só pode ser explicada de um ponto de vista de psicologia de massas, e não de um ponto de vista político ou econômico” ( REICH, 2001, p.49) Penso, aliás, que é justamente pelo viés da psicologia das massas, sobretudo no que diz respeito ao sentimento religioso, que se possa afirmar que houve uma forte adesão de trabalhadores e da classe média ao movimento, o que também ocorreu na Alemanha, sobretudo, quando a luta política foi anulada internamente e o *movimento* se converteu em *governo*.

Cabe lembrar quanto a isto que o culto ao líder, os rituais, os espetáculos públicos, as pantomimas, toda afetação e pompa, foram utilizadas com eficácia para capturar o imaginário da população durante a ascensão do fascismo. Como assiná-la Eco, “o fascismo italiano foi o primeiro a estabelecer uma liturgia militar, um folclore, até mesmo uma maneira de se vestir - muito mais influente, com suas camisas negras, do que Armani, Benetton ou Versace jamais seriam” (ECO, 1997, p.32). Assim, a moda se espalhou junto com o terror, o pânico da elite liberal democrata explica, em parte, sua adesão ao movimento, mas, ao proporcionar o crescimento do monstro, essa parcela da população é devorada por ele, inaugurando o fascismo como governo, o qual assume, cada vez mais, a forma do fanatismo e, enquanto doutrina, destinada a orientar a massa, o fascismo expressa esse fanatismo nos moldes em que havia proposto Gustave Le Bon: “pode se comprovar que ela [ a doutrina do facismo] é vital porque ela despertou uma fé; que essa fé conquistou almas pode ser comprovado pelo fato de que o fascismo é capaz de citar seus heróis derrotados e seus mártires” (MUSSOLINI; GENTILE, 2019, p.38). Daí o famoso ditado do fascismo italiano: “Il duce ha sempre ragione”. O líder, portanto, é inquestionável. Esse fanatismo sustenta algo novo, inaugura uma nova forma de poder na qual o republicanismo é visto como sintoma de degeneração política, devendo ser substituído por um poder autocrata e totalitário. Sim, o fascismo é uma forma de totalitarismo, o stalilnismo também o é, mas nas palavras de Mussolini, “um partido governar totalitariamente uma nação é uma novidade na história. Não há pontos de referência e comparação (...). Somos livres para crer que este é o século da autoridade, um século que tende para ‘a direita’, um século fascista” ( MUSSOLINI; GENTILE, 2019, p. 32).

Ainda no que diz respeito ao caráter espiritual do fascismo, vale dizer que muitas vezes Mussolini foi acusado de ser indiferente à religião institucionalizada, sobretudo

no início de sua trajetória, sendo que, em geral, o vínculo estabelecido por ele entre fascismo e catolicismo, não passaria de trapaça. Contudo, o ditador italiano mostra que o fascismo é movido pela crença de que ele cumpre um papel histórico revolucionário, uma missão decisiva que pretende fundar, em suas próprias palavras “uma sociedade espiritual”. Nesse sentido, o totalitarismo fascista se reveste de um caráter profético e atualiza o delírio teológico-político: “Ao dizer que Deus está voltando queremos dizer que os valores espirituais estão voltando”, afirma Mussolini (2019, p.41). Vale a pena citar mais algumas passagens do texto que acentuam igualmente esse aspecto e merecem ser lidas na íntegra:

Nenhuma ação está isenta do julgamento moral, nenhuma atividade pode ser desprovida do valor que um propósito moral confere a tudo. Por isso, a vida, conforme a concebe o fascista é séria, austera e religiosa. A concepção fascista da vida é religiosa e o homem é visto em sua relação imanente com a uma lei superior, dotado de um arbítrio objetivo que transcende o indivíduo e o eleva à comunhão consciente em uma sociedade espiritual (...)

O estado fascista não é indiferente aos fenômenos religiosos nem manifesta uma atitude de indiferença em relação ao catolicismo romano, a religião especial e positiva dos italianos. O estado não tem uma teologia, mas tem um código moral. O estado fascista vê na religião uma das mais profundas espirituais e por esse motivo não apenas respeita a religião, mas a defende e protege (...).

O fascismo respeita o Deus dos ascéticos, dos santos e heróis, e também respeita Deus conforme o ingênuo e primitivo coração do povo o concebe, o Deus a quem o povo endereça suas preces (...)

O Estado fascista expressa a vontade de exercer poder e comandar. O poder imperial, conforme entende a doutrina fascista, não é apenas territorial ou militar ou comercial, também é espiritual e ético (...)

O estado fascista afirma seu caráter ético: é católico, mas acima de tudo é fascista. Na verdade, ele é essencialmente fascista. O catolicismo complementa o fascismo, e isso declaramos abertamente, mas que ninguém pense que possa virar a mesa contra nós, sob o manto da metafísica e da filosofia (MUSSOLINI; GENTILE, 2019, p. 15, 36, 37, 37, 46.)

Nunca é demais lembrar também que, apesar das divisões internas no Vaticano, que a associação entre catolicismo e fascismo foi estimulada em dado momento pela própria cúria romana, que, após o *Tratado de Latrão* (1929), passou a administrar um estado próprio, o Vaticano . Donald Sasson, quanto a isso, cita as palavras do próprio Papa: “não surpreende que o papa Pio XI considerasse Mussolini o homem ‘que a

Providência nos enviou” ( SANSON, p.147).

Por fim, cabe lembrar também que “a religião fascista” é fermentada pelos afetos do medo e do ódio, que impedem qualquer possibilidade de diálogo, pois o fascista, movido pelos processos inconscientes de identificação, pelo prazer de pertencimento à uma massa homogênea, se impõe pela força e, portanto, não aceita uma conversa racional que o desminta ou enfraqueça seu líder, tido como divino e inquestionável. É assim que, no fascismo, a transparência linguística é substituída pela *novilingua* de que fala George Orwell, pela propaganda e seu apelo para as emoções. Neste aspecto, o fascismo inaugura um campo que seria explorado com êxito e, hoje, mais do que nunca, com meios mais eficazes de difusão, mostra sua enorme capacidade de esgarçar o tecido social.

## Conclusão

Mostramos aqui o vínculo entre propaganda fascista e religião numa perspectiva histórica e conceitual. Podemos dizer para concluir que, por um lado, a técnica da propaganda afetiva e violenta, indica por Le Bon, visa difundir o medo na população ao forjar um inimigo e, por outro, reforça internamente a sensação de pertencimento, lançando mão de frases de efeito, slogans e afirmações sem provas. Há diversas técnicas que a propaganda fascista apresenta: uma das mais efêzazes Le Bon denomina “atenção expectante”, procedimento que consiste em manter a multidão, predisposta à sugestão, em estado de atenção permanente, com o intuito de não dispersá-la. Daí o *Slogan* dos agitadores fascistas dos nossos dias: “Esperem mais 72 horas”<sup>12</sup>.

Nunca é demais lembrar que Hitler e Mussolini, dentre outros *gangsters*, chegaram ao poder com base no medo, no ódio e na mentira, e, com o auxílio dos meios disponíveis na época, como o rádio e o cinema, instalaram a imaginação delirante na política, ao moldarem uma estética de guerra. Segundo Benjamin, “o modo como se organiza a percepção humana – o meio pelo qual se dá – não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente” ( BENJAMIM, 1986, p. 169). Retomando essa ideia, pode-se dizer que, com as novas mídias digitais, vivemos o ápice da sociedade do espetáculo e a percepção humana adquiriu outras características em face das novas tecnologias, tornando a situação antevista por Adorno ainda mais

---

<sup>12</sup> A respeito dessa noção ver o trabalho de Ribeiro, R.: *Atenção expectante como dispositivo de mobilização das massas: notas sobre a multidão eleitoral de Gustave Le Bon*

desesperadora, uma vez que as Big Techs possuem o controle da informação. Um bom exemplo dessa devastação produzida pelas mídias digitais pode ser visto no trabalho pioneiro da antropóloga Letícia Cesarino que estudou o fenômeno do bolsonarismo em seu artigo fartamente documentado e cujo título é bastante sugestivo: *Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil* (2020). A esse respeito, contudo, cabe refletir sobre a psicologia que está por trás desse fenômeno e se o velho mito do salvador da pátria, figura populista articuladora de demandas no campo da direita, é suficiente para explicar a adesão massiva a um tipo de governo autoritário que flerta, perigosamente, com a autodestruição, ou seja, com aquilo que Freud (2010) chamou de “instinto de morte”.

### REFERÊNCIAS:

ADORNO, T: A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. Editora Unesp. São Paulo: 2015.a

ADORNO, T.W. Antisemitismo e propaganda fascista. In: Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. Editora Unesp. São Paulo: 2015.b

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra.. Tradução: Wolfgang Leo Maar, 2011

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. La sociedade: lecciones de sociologia. Editorial Proteo. Buenos Aires: 1969.

ADORNO, Theodor W. Estudos sobre a personalidade autoritária. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Trad. de Virgínia Helena Costa.

ADORNO, T. W. Aspectos do novo radicalismo de direita. São Paulo. Ed. Unesp. Trad. Felipe Catalani. 2020.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In : Obras Incompletas, Brasiliense, São Paulo : 1986. Tradução De Serio Paulo Rouanet.

CADELLI, M. O neoliberalismo é um fascismo. Carta Maior: Portal da Esquerda (2017).

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa, a ascensão do populismo digital no Brasil. Revista Internet e Sociedade. N. 1/V. 1/páginas 91 a 120. fevereiro de 2020

CHAUÍ, M. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. (2019). In: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>.

COSTA, V. H. *Gesto ou identificação com o agressor? Hipóteses para nosso autoritarismo recente.* In: *Nomear o problema: fascismo, extrema-direita, conservadorismo,*

*autoritarismo* (FFLCH-USP). Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=irwDI0TKpd4>

DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. Tradução de Ciro T. Pádua. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1955 (s/p); Versão em PDF.

DE FELICE, R. Mussolini il fascista, II, L'organizzazione dello Stato fascista, 1925-1929, Torino, Einaudi, 1968.

DE FELICE, R. Explicar o Fascismo. Lisboa: Edições 70, 1976.

ECO, U. Fascismo Eterno. In: Cinque Scritti Morali, Milano Bompiani, 1997

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras. Trad. Paulo Cesar de Souza: Versão eletrônica. Formato: PDF, 2011.

FREUD, S. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu: alguns pontos de concordância entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Trad, Paulo Cesar de Souza, Cia das Letras. 2013.

GENTILE, E. O que é o fascismo? (2018)  
Entrevista. In: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45750065>

GUATTARI, F. A revolução molecular – pulsões políticas do desejo. Brasiliense, São Paulo, 1981.

HAN, B. C. Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Ed.Âyiné, 2020.

HITLER, A. Minha luta, Brasília: Ed Carmo, 2016.

KLEMPERER, Victor. A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LE BON, G. (1895) Psicologia das multidões. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

LE BON, G (1895) Psychologie des foules. Félix Alcan, 9ed. 1905.

MARIÁTEGUI, J. C. As origens do fascismo. São Paulo, Editora Alameda, 2010.  
Organização, tradução, prefácio e notas de Luiz Bernardo Pericás.

MÜLLER, V. O fascismo para além das dualidades no pensamento  
Renzo De Felice (2020).

<https://estadodaarte.estadao.com.br/fascismo-renzo-de-felice-muller-bnfb/>

MOSCOVICI, S. L'âges des foules : Un traité historique de psychologie de masses.1985.

MUSSOLINI, B. A doutrina do fascismo. Nova Fronteira, São Paulo: 2019.

PAXTON, R, Anatomia do Fascismo, Paz e Terra, 2007.

PEREIRA FILHO, A. P. Fascismo e Neoliberalismo. In: *Caleidoscópio II – Reflexões sobre ética e política*. Org. BECKER, E. e PRIMO, M. Discurso editorial/Republica do livro, São Paulo, 2024

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001 374 p

ROCKWELL, L. *O que realmente é o fascismo* (2016). In: <https://mises.org.br/article/1343/o-que-realmente-e-o-fascismo>

ROSENBERG, Alfred. The Myth of The Twentieth Century. [S.l.: s.n], Ostara Publications, 2016.

SAFATLE, V. Não há sociedades para todos: fascismo contemporâneo como figura da guerra civil mundial. In: *Nomear o problema: fascismo, conservadorismo, extrema-direita, autoritarismo* (FFLCH,2025).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zu6xJkW3Sq>

SICA, B. *Il Duce e il popolo-cavallo: politica, pedagogia e propaganda nell'immagine di Mussolini condottiero*. In: Studi Culturale, Il Mulino, 2018.

SASSOON, Donald. Mussolini e a ascensão do fascismo. Trad. De Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009, p. 152)

STANLEY, J. Como funciona o fascismo. Porto Alegre, L&PM, 2019.